SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: Finanças — Projecto de Banco-provincial — Associações economicas e de benificencia — Illuminação-a-gaz — (*Carta*). PARTE-LITTERARIA: Os quatro irmãos (Romance. Capitulo IV. *Continuação*) Associação promotora dos melhoramentos da imprensa (Parecer da commissão sôbre direitos do papel etc. Carta do Sr. Marecos sôbre o estado actual da imprensa-nacional) — O jasmim (Poesia) — Uma perola (Poesia) — Bibliographia (Prospectos e Annuncios.) VARIEDADES: — Necrologia — Correio-nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

FINANÇAS.

781 No 'Diario do Governo' de 27 do passado le-se um complexo de providencias tendentes a diminuir os encargos da fazenda-publica. Na Junta do Credito-publico diminuiram-se 614:400$ rs., nos encargos-geraes 79:700$ rs. no ministerio do Reino 63:021$000 réis, no da Fazenda 86:378$000 réis, no da Justiça 25:500$000 réis, no da Guerra 200:080$800 réis, no da Marinha 164:908$874 réis, no dos Extrangeiros 8:000$000 réis; somma 1,241:989$574 réis: diminuiu-se mais: a importancia de uma segunda decima nos vencimentos das classes activas e passivas de consideração e de duas ás gratificacões, 339:645$994 réis, a dita de uma segunda decima nos juros da divida interna, e de duas nos juros da divida externa 457:622$000 réis, a dita de duas decimas lançadas aos juros pagos pelo thesouro 52:129$744 réis, o donativo da familia-real, 118:000$000 réis, é o total das diminuições nos encargos do Estado 2,209:387$313 réis.

Não é decerto n'um artigo de jornal que se podem desinvolver todas as reflexões que ésta questão suscita logo tam depressa se encara. Por um lado achariamos que ésta diminuição no seu complexo ainda não é bastante; por outro viriamos que n'alguns pontos em detalho foi ella excessiva; e por último lamentariamos que este primeiro passo para a organização da fazenda-publica, seja um passo vacillante, senão falso, desacompanhado d'outras providencias indispensaveis ao complemento d'esta organização,

Pelo que toca a economias sabe-se que ellas serão illusorias decretadas no papel, se a vontade dos ministros se lhes oppozer na execução. Sería necessario decretar, sob o pêso de toda a responsabilidade possivel, a prohibição de preencher os logares que vagassem quando estes não fossem de uma necessidade de todo o ponto indispensavel; vedar por uma vez as promoções militares de terra e mar, feitas a capricho; abolir uma quantidade de repartições, tribunecas e logares desnecessarios, ou antes prejudiciaes porque empecem ou demoram o andamento dos negocios publicos (Com este proposito deveria ter sido nomeada uma commissão encarregada de propor a reforma e simplificar o regimen da administração publica). Sería ainda necessaria a reforma do nosso systema tributario, e mais que tudo do methodo de sua cobrança (Outro objecto para que é desde ja urgentissimo crear-se uma commissão especial). Sería necessario mais, tractar-se da creação de uma caixa de amortizaçãe, e da extincção da nossa divida-externa que não for convertida, com o que se poupariam annualmente mil cento e tantos contos. E ésta extincção poderia contractar-se almoedando alguma parte do nosso territorio colonial.

Eu ja disse d'outra vez, sôbre o mesmo assumpto, que não tinha popularidade que perder, nem merecimentos para a podêr vir a captar, por consequencia fallo franco e desassombrado. Não me venham com as mãos á cara de falta de patriotismo, pundonor nacional, e outras que taes ideas poeticas do mesmo jaez. As mais gloriosas das nossas conquistas temol-as perdido sem proveito e até com dezar; é o que nos hade acontecer com todas se não quizermos espontaneamente melhorarmos as outras restantes, e melhorarmos tambem a metropoli, com o sacrificio de algumas d'ellas, deixando o triste pensamento que tam ridicula figura nos obrigou a fazer na paz d'Utrecht. Para conservar a vida deixa-se mutilar o corpo; se quizermos que a gangrena toque o coração, não deixemos então cortar o pe, a perna, a mão ou o braço... Passarei a diante, que sou naturalmente pouco palavroso.

Como detalhadamente se não conhecem os objectos em que recahiram as diminuições dos differentes ministerios, nada se póde dizer sôbre este assumpto. Eu arriscarei comtudo duas palavras. Ha economias contraproducentes; porque tirar a um estabelecimento os meios necessarios para elle podêr prestar, é o mesmo que desperdiçar tudo quanto se lhe der que não alcance a satisfação do fim proposto. É melhor não termos as coisas porque se não podem ter, do que fingir que as temos e gastar inutilmente o que esse fingimento nos custa.

Isto é pelo que deixou de se fazer (não fallo detidamente em tudo que me lembra, apenas lanço alguns apontamentos). Vejamos agora o que se fez. Tirou-se a prestação inteira á companhia das

obras-publicas, e se bem que se diz que este objecto vai ser regulado eu não posso descansar em quanto isso não acontecer, releve-se-me pois tractar d'este ponto. Tiraram-se 240$000 réis á instrucção-publica, 1:200$000 réis aos estabelecimentos litterarios, 14:200$000 réis aos de Bellas-artes e officios, total 15:840$000 réis. Tirou-se á Marinha 164:908$874 réis; isto é: mais da oitava parte da sua despeza total. Ora, que me digam se é possivel, n'um paiz maritimo, commercial e com tantas e tam longiquas colonias como o nosso, fazer economias n'um dos ramos mais importantes d'elle? Eu julgava que os oitocentos contos que se dispendiam n'este ministerio era pouco, e elles foram reduzidos! Que ésta reducção se effectue largamente no exercito, intende-se, porque a nossa independencia não depende hoje de mais ou menos algumas mil baionetas etc.; mas na marinha de que se poderiam tirar tam bellos resultados! faz doer o coração. Além de que não está na devida proporção tirar 164 de 800 contos n'um ministerio, e n'outro so 200 de 2,400!

Os outros dois pontos são ainda mais capitaes. Por mais que reduzam as despezas publicas, sem meios de communicação interna e sem instrucção publica iremos sempre para peior. Ha coisas em que a verdadeira economia consiste em dispender. A administração financeira de um Estado funda-se em dois systemas de principios differentes; o de regular restrictamente a despeza com a receita, e o de recorrer aos meios extraordinarios para applicar largas sommas a despezas productivas. Se se quizer aproveitar exclusivamente o primeiro d'estes systemas que nada fecunda nem vivifica, as suas economias podem vir a ser causa de grande decadencia no paiz. O segundo, que é o pai da actividade e essencialmente animador, quando parece empobrecer um Estado multiplica-lhe os recursos da prosperidade publica. Segue-se pois que a boa administração-financeira d'um paiz consiste em combinar estes dois systemas. As despezas improductivas cerceal-as quanto possivel seja; aquellas porém cujos resultados são a utilidade geral, amplial-as e fazel-as com toda a largueza necessaria. A não haver a difficuldade d'esta combinação, e ainda mais a de bem conhecer quando, como e em quê será conveniente cercear ou ampliar as despezas publicas, qualquer mordomo estaria habilitado para ser um optimo financeiro.

PROJECTO DE BANCO PROVINCIAL.

782 O Sr. Claudio Adriano da Costa acaba de fazer publicar um relatorio sôbre o seu projecto de Banco provincial, de que ja dei noticia na Revista. É um trabalho verdadeiramente consciencioso e interessante, que honra muito os conhecimentos especiaes e eruditos do seu auctor. Sem uma indagação minuciosa de todos os nossos escriptores não se poderiam colher os curiosos dados estatisticos sôbre que o Sr. Claudio Adriano assenta reflexões novas e sensatas relativas ao nosso estado agricula em todas as epochas da monarchia.

Este importante trabalho merece ser estudado devidamente. N'algum dos proximos numeros d'este jornal darei um extracto d'elle. Está dividido em differentes partes. As considerações sobre as consultas das junctas-geraes dos districtos do reino e ilhas adjacentes, são de todo o ponto exactas e muì notaveis. As indagações sôbre os preços dos cereaes desde o começo da monarchia, são de uma deducção e paciencia admiraveis, assim como as provas da incultura do nosso paiz em todas as epochas, e da sua escaccez de cereaes. Depois veem as reflexões sôbre a influencia dos foraes e morgados etc. na nossa agricultura.

Todas éstas partes constituem um complexo de trabalho novo em Portugal, pelos fins a que attinge, e pelos elementos de que se compõe. É o primeiro passo serio, pode-se dizer, que a sciencia economica dá entre nós. Assim queira seu auctor desprender-se de todas as considerações secundarias para proseguir n'esta ardua carreira da discussão e dos projectos sôbre melhoramentos materiaes do paiz. Eu fico que este hade acabar por lhe agradecer os esforços; porque as circumstancias, se as ha, que ainda hoje escurecem todos os d'esta natureza, hão de ceder forçosamente, ao imperios das ideas do tempo e ao pêso das desgraças do paiz, que augmentarão em quanto as necessidades d'elle não forem por todos avaliadas como merecem.

ASSOCIAÇÕES ECONOMICAS E DE BENEFICENCIA.*

> Oltre ciò che privatamente darai, *senza che una mano sappia che de l'altra*, come dice il Vangelo, t'unisce anche ad altre anime generose per moltiplicare i mezzi di giovare, per fondare buone istituzioni e mantenere quelle che già sono.
>
> (*Silvio Pellico.* — Dei doveri degli huomini. — Cap. 26.)

783 Nos fins do mez de abril d'este anno, estando eu ainda no exercicio de um cargo administrativo, na provincia do Alemtejo, occupava-me de generalizar entre os moradores do districto de Beja, o conhecimento das associações economicas e de beneficencia, que as nações mais cultas da Europa teem estabelecido com grande proveito da humanidade.

Para conseguir este fim tracei o plano de ir pouco a pouco transmittindo aos administradores de concelho algumas noticias exemplificativas sôbre este assumpto, rogando-lhes que as communicassem a todas as classes dos seus administrados, pois que d'est'arte começaria o povo a familiarizar-se com o pensamento civilizador de tão importantes instituições. Era como

* Com a maior satisfação publico este artigo do Sr. José Silvestre Ribeiro, tanto em harmonia com as ideas repetidas vezes por mim emittidas n'este jornal, e o qual muito honra o illustre cavalheiro que assim sabe comprehender o espirito d'esta epocha e as necessidades do paiz.

(Da *Redacção.*)

um modo de preparar o terreno, para mais tarde plantar com facilidade e vantajosamente as abençoadas arvores que em toda a parte teem produzido optimos fructos.

Encetei ainda esta boa tarefa, endereçando ás indicadas auctoridades a circular que abaixo vai transcripta; acertou porém de ser em occasião que ja se ouvia ao longe o rumor da agitação popular, e a minha debil voz não pôde ja ser escutada.

As crises politicas são e devem ser, rapidas e instantaneas; as necessidades, porém, dos povos são permanentes, e permanentes devem ser como ellas os meios de as remediar.

Portugal precisa indispensavelmente de desinvolver o espirito de associação, o qual em Inglaterra, em França e n'outros povos, tem operado maravilhas. E sendo assim, affigura-se-me que a todos os portuguezes impende a imperiosa obrigação de promover o estabelecimento de associações economicas e de beneficencia; e n'isto deparo tambem com motivos para ser desculpada a temeridade a que me abalanço de dar publicidade ao meu humilde escripto. *Ama le società de beneficenza, e se n'hai modo, promuovile, scuotile quando sono intorpidite, corregile quando sono falsate.*

Lisboa 22 de agosto de 1846.

José Silvestre Ribeiro.

— Illm.° Sr.

Governo civil de Béja, 1.ª repartição, C.ᵃʳ N.° 17 —

É de absoluta necessidade introduzir e generalizar n'este districto de Beja o espirito de associação, maiormente entre as classes mais necessitadas de soccorro e protecção.

Os officiaes dos officios mecanicos e os jornaleiros, não teem, pela maior parte, outro capital mais do que o seu trabalho, sendo por isso bem obvio o apuro a que ficam reduzidos, ou quando lhes falta esse trabalho, ou quando os assaltam as infermidades, sem contar ainda com os dias festivos, nos quaes nada ganham.

Se pois o espirito de associação, bem applicado praticamente, fôr assaz poderoso para remover, até certo ponto, os embaraços a que a natureza das cousas condemna aquellas classes, tão dignas de sympathia e aliás tão uteis pelos serviços que prestam; — não devemos hesitar um so instante em proporcionar-lhes um beneficio que altamente é reclamado, não so *pelo seu proprio interesse*, senão tambem *pelo da sociedade*, a qual muito lucra em iniciar as classes menos abastadas nas ideas de *moralidade, economia e ordem.*

N'este sentido e por fôrça d'esta convicção, dou-me por obrigado a ir chamando successivamente a attenção dos moradores d'este districto, sôbre a conveniencia de se estabelecerem associações de beneficencia, começando hoje por apresentar um *exemplo* d'esta natureza nas seguintes *bases*, as quaes, convenientemente desinvolvidas, poderiam servir para criar no seio das classes menos abastadas uma fonte de mutuo soccorro.

Bases de uma associação que poderia formar-se entre os officiaes dos officios mecanicos, ou entre os jornaleiros.

« As associações entre os officiaes dos officios mecanicos, ou entre os jornaleiros, devem ter por fim assegurar mutuos soccorros para o caso em que a doença, ou outros accidentes, privem temporaria ou perpetuamente de trabalho a qualquer dos socios.

« Em quanto algum dos socios estiver doente, receberá um soccorro de duzentos réis diarios, bem como terá gratuitamente os remedios necessarios, e será visitado por facultativo, a quem a sociedade pagará.

« Em quanto algum dos socios não tiver trabalho ser-lhe-ha tambem fornecido um soccorro de duzentos réis diarios.

« Igualmente ficam a cargo da sociedade as despezas do funeral de qualquer socio, cuja familia na occasião do fallecimento d'elle não tiver meios para as fazer.

« O numero dos socios deve ser illimitado. Para ser admittido socio devem exigir-se os seguintes requisitos: — domicilio na povoação, onde estiver instituida a sociedade — não menos de dezoito annos de idade, nem mais de cincoenta — moralidade e bom comportamento. —

« Logo que um socio pratique qualquer acto que o deshoure na opinião geral, deverá ser immediatamente excluido da sociedade.

« A sociedade não deve obrigar-se a prestar soccorros aos socios, que por motivo de embriaguez habitual, ou devassidão cahirem na miseria.

« Cada socio pagará na occasião da entrada uma joia de trezentos e vinte réis, e uma quota mensal de cento e sessenta réis.

« Todos os socios reunidos formam a assemblea geral — a qual estabelece regulamentos — nomeia no principio de cada anno a direcção da sociedade — e em uma palavra decide todos os negocios da mesma.

« A direcção deverá ser composta de um presidente, um secretario, um thesoureiro, e mais dois membros.

« A direcção deve competir a arrecadação das joias, e quotas mensaes, bem como a sua applicação, conforme os principios acima enunciados, e nos termos dos regulamentos que a assemblea geral estabelecer.

« O thesoureiro nunca poderá ter em seu podêr mais do que vinte e cinco mil réis; devendo os demais fundos da sociedade ser depositados na caixa economica, que houver de ser estabelecida na cabeça do districto, d'onde serão tiradas as sommas que successivamente forem precisas para prestar soccorros aos socios. »

Oxalá Sr. administrador, que v. s. e os homens illustrados d'este districto, expliquem ao povo o pensamento das instituições d'este genero e o façam penetrar da conveniencia de se associar para fins de beneficencia e de moralização — pois que, preparada assim a opinião popular, facil será fazer alguma cousa n'este particular.

Queira v. s. fazer-me a mercê de dar publicidade no seu concelho a ésta circular, e prestar ao povo o bom serviço de o insturir por todos os meios ao seu alcance sôbre este negocio.

D. G. a v. s. governo civil de Beja
20 de abril de 1846.

Illm.° Sr. administrador
do concelho de. . .

O governador civil
José Silvestre Ribeiro.

ILLUMINAÇÃO A GAZ. (*)

784 *Sr. Redactor.* — Como vivo distante da côrte, e recebo a REVISTA por via indirecta, além de outros trantornos, tarde pude ler o n.º 48 da mesma. N'este deparei com uma carta do Sr. P. F. L. impugnando um art. do Exm.º Barão de Almeirim, em que este Sr. reprova a illuminação a gaz, como contraria ao commercio do azeite. É muito natural que o nobre Barão refutasse ja nos n.os posteriores as razões do seu antagonista, porem como ainda os não pude obter, e mui facil é que o dito Sr. as julgasse menos dignas da sua refutação, animado pelo benevolo acolhimento que V. dá no seu jornal ás opiniões de quem se interessa pelo bem publico, como tambem pelo desejo, que trago ha tempos, de consulta-lo sôbre a escolha de bons livros; deliberei me a dirigir-lhe ésta, contendo algumas palavras sôbre a materia supramencionada, para que a minha posição geographica melhor me habilita do que ao illustre advogado da nova illuminação. Ficando bem certo de que V. regeitará, como inutil ésta segunda parte, no caso de assim a considerar, ou de ter ja recebido melhor resposta.

Impugna o Sr. Barão a illuminação por via do gaz, não em si mesmo, mas porque sendo ésta admittida, vae deteriorar o ramo commercial do azeite, ja por outros motivos bem decabido, e tambem, porque da ruina d'este se segue a ruina de milhares de familias.

Parece-me Sr. Redactor, que quem tiver um resto de nacionalidade não deixará de dar muito pêso a estas consequencias se as tiver por verdadeiras. E quem duvidará de que o sejam se considerar que o nosso reino é quasi todo um olival? Certamente que se o Sr. P. F. L. tivesse um dia a curiosidade da dar um passeio desde Lisboa até a provincia de Tras-os-Montes, e visse por todo o seu transito a multidão de oliveiras que escapam á vista e ao calculo, e entre ellas tantas, tão respeitaveis por sua antiguidade e grandeza, que parece estarem-nos dando noticia de nossos primeiros paes, não tractaria este objecto tão de ridiculo, como se deprehende de suas expressões emphaticas e mofadoras ou de compaixão...

Pois se viesse no tempo da colheita da azeitona, e visse a innumeravel multidão de gente occupada n'ella, ja por conta dos lavradores, ja pela sua, e soubesse então que sendo permittido a todos apanhar para si a azeitona do chão em quanto se colhe, se aproveitam com especialidade os pobres d'esta premissão, para terem depois, com a venda do azeite, com que subsistam na estação mais rigorosa do anno? Se finalmente se recordasse dos tristes lamentos dos nossos bons Transmontanos, que haverá dous annos se davam por perdidos, por verem as oliveiras quebradas com a neve, e pediam alvitres para o restabelecimento d'ellas, e protecção ao governo para as suas necessidades! Parece-me que não julgaria tão fóra da ordem a asserção do Sr. Barão de Almeirim, acharia muita razão ao Sr. Ornellas de Castello Branco, Pereira do Porto, e outros benemeritos cidadãos quando não ha muito se mostraram tão interessados no aperfeiçoamento das oliveiras e do seu fructo, e viria a conhecer que os nossos antigos tinham muito juizo, quando diziam: 'casas em que caibas e olivais de que não saibas.' E então com todos votaria a favor de Minerva, elogiando-a de sabia, como seu pae Jupiter, por ter adoptado a oliveira com preferencia a todas as arvores. Não pertenderia por conseguinte que se abandonasse de todo o commercio do azeite, como ruinoso, por isso que está em abatimento, antes ajudaria a dar-lhe a mão para que se erguesse e não acabasse.

Pois que, Sr. Redactor, porque um ramo de commercio está abatido, deve-se por isso desamparar de todo e dal-o como nocivo? Então desamparem se tambem os agricultores, quando disserem ou se queixarem que com a introducção de cereaes corre risco a lavoura, ja por outros motivos decadente; mas está introducção de cereaes tem a vantagem de espalhar a abundancia, ainda que temporariamente entre o povo, e a nova illuminação so a poucos poderá aproveitar.

Porem o mais galante, Sr. Redactor, é a substituição que o Sr. P. F. L. nos inculca para o logar das oliveiras — o esparceto. Bem mostra n'isto este Sr. que nunca transitou pelas provincias, aliás, vendo os terrenos das oliveiras cultivados por outra fórma mais interessante, os que para isso são proprios, e os que o não são, para nada mesmo servindo, assim mesmo dando logar á vegetação possivel para creação de animaes, invergonhar-se-ia da sua lembrança.

Quanto á razão de conveniencia da exploração das minas de carvão de-pedra, intendo que a necessidade que d'elle temos para outros empregos basta para lhe dar impulso.

Quanto porém ao mau odor do azeite, (em que não sei se o gaz lhe cede) e ao mau gosto do seu adversario — *je ne l'aime pas* — (diz elle) a isso não tenho que responder, senão que á vista de tantos mil que gostam d'elle fica a perder de vista a sua nimia delicadeza. Como tambem pela grandeza do objecto, que julgo provada, considero destruida a conjectura de odio contra a companhia da illuminação, attribuido ao nobre Barão, devendo antes pensar-se, que o amor do bem publico fôra o motor do seu artigo; pois que não se póde duvidar de que é incomparavelmente mais interessante para a nação o genero de producção que o Sr. Barão defende, do que mais um brilho na luz dos theatros e armazens de modas, e passeios de Lisboa, ainda que toda a cidade levasse isso muito em gôsto. Tanto quanto um reino excede a uma cidade.

(*) O assumpto da illuminação a gaz está hoje fóra de combate, porque parece que este genero de illuminação está definitivamente adoptado pelo que respeita a Lisboa: no emtanto pareceu-me o presente artigo tam bem escripto, que sem querer com elle ressuscitar uma polemica ja morta, julguei dever publical-o porque algumas das suas ideas são dignas de verem a luz publica. Eu estou persuadido que a illuminação a gaz não prejudicará o commercio do azeite como se affigura ao illustre signatario d'esta correspondencia. A illuminação da cidade é hoje feita talvez toda com azeite de purgueira, e a illuminação particular que for substituida pelo gaz, não será tanta que faça grande detrimento ao consummo do azeite; 1.º porque as lojas fecham logo á noite e so a luz do gaz as fará conservar abertas até mais tarde, 2.º porque as escadas de Lisboe estão quasi todas ás escuras, e so por meio de gaz virão a ter luz. Ja se ve pois que a illuminação augmentará com o uso do gaz; mas que a substituição d'elle ao azeite não é tam universal como á primeira vista parece. A segunda e última parte d'esta correspondencia, reservo-me a responder quando souber em que lingua se desejam escriptos os compendios de que se tracta.

(Da Redacção.)

Tractemos primeiro de conservar e augmentar o necessario, e depois, se podermos, passaremos ao util, e até ao superfluo. Tractemos tambem de illuminar os povos com a luz da instrucção, de que desgraçadamente ha bastante falta, e com isto melhor taparemos a bocca aos extrangeiros, aliás dirão, que temos luz diante dos olhos, e cegueira dentro n'alma, quando nos virem desprezar ésta para acudir aquella.

Não quero abusar mais da sua paciencia, e por isso concluo, pedindo-lhe o obsequio de responderme á seguinte consulta: Entre a variedade de compendios para apprender, sem estar subjeito a aulas regias, logica e metaphisica, rhetorica, geographia e chronologia, com o competente atlas das tres idades antiga, media etc. de sufficiente extensão, algebra e geometria, e direito natural, quaes são as melhores.

Concelho de Torres-Novas 4 de agosto de 1846.

O Padre Joaquim Gomes Duque.

PARTE LITTERARIA.

OS QUATRO IRMÃOS. *

IV.

O'filho, a quem eu tinha
So para refrigerio e doce amparo
D'esta cançada ja velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro.
(Camões, Lus. cant. IV.)

DE MAL EM PEIOR.

785 Ja clareia a manhan.

A velha acordou com o desgarrado assoviar de um melro, que Manuel criára, de pequeno, em casa e que estava pela banda de fóra da janella, na sua gaiolla de canna e vimes, — acordou, virou-se de um lado e de outro, assentou-se, benzeu-se e poz-se a dizer a meia-voz para a sua companheira:

— Maria?.. Maria?.. a pé, minha filha, que é dia claro! não vês? ja vem reluzindo o sol pelas fendas alli da porta. Arriba, calaceira! não ouves?..

— Oiço, oiço, thia Brites, e ja me ergui.

— Que me dizes, filha!

— Pois então? e estava agora aqui de joelhos á beira da cama.

— A rezar, Maria?

— A rezar, sim sr.ª, e por isso não lhe respondi, mal me fallou.

— Mas tu, minha filha... mas que tiveste?.. não dormiste bem?.. foi co'as saudades, não querem ver?

— Saudades...

— Do thio cura... que isso la!.. mimos como aquelles! anda, magana, que te não vai mal.

— Pois olhe, dormi, dormi regaladamente... e... ai, senhor! que la toca á missa na egreja. Aviar, thia, aviar! levante-se e vamo-nos a apromptar, que são horas.

— Vamos la, vamos.

E a boa da velha, como ia apertando o colete, cortava, de vez em quando, a conversa, para metter o atacador, ao tino, porque fazia escuro na alcova:

— Ora vejam! dormiste... Pois sabes? eu tambem não estremeci, nem siquer em toda a sancta noite.

— Inda bem! — respondeu, baixinho, a môca; e alçou as mãos e a vista ao ceu fervorozamente, como quem lhe dá graças.

A viuva desceu do leito, correu logo a cortina da porta, e foi-se d'alli direita para a cozinha, onde costumava lavar-se e burnir-se diante do vidro de um espelho, que tinha arrecadado entre os loiros do prateleiro.

A rapariga ficou..... deixou-se ficar sozinha.

— Ai, Maria, Maria! que negra tristeza é essa? porque trazes sem côr as faces... desmaiadas, como a rosa branca?.. porque trazes teus olhos negros, assim pregados no chão? porque não sorri agora a alegria na tua bôcca?..

A innocente moça ia quasi a pegar no somno, quando foi da conversa dos dois irmãos, despertára... e escutára tudo. O que depois começou n'aquelle peito virgem... soube-o ella e Deus tam somente.

Era uma batalha rija que la dentro se lhe travára. Os conselhos da austera virtude que sempre lhe dera o thio; a estreme e casta singelleza de su'alma... afastavam-lhe o pensamento d'essas palavras que ouvíra; mas... dois moços a brigarem por via d'ella... dois moços, que pelejavam por lhe querer bem...

Oh! de que serviu tanto disvello e recato para guardar a pureza n'aquelle coração de pomba?..

É que a mulher *tem de amar* e ama por um podêr occulto, que a cega, que a infeitiça, que lhe dá vida... É como as aves, como as flores perfumadas do bosque.

Maria não amava ainda; mas adivinhava... adivinha não sei o quê; e padecia e luctava comsigo... que mais não podéra ser. E então para se disfarçar quando a velha voltou para a alcova!..

A thia Brites chegou-se a ella, abraçou-a, e disse-lhe cheia de contentamento:

— Maria... deixa-me ver... muito linda és,

* Continuado de pag. 465 do V volume.

minha filha! és um sol! O Senhor te faça ditosa... como tu mereces. Hade fazer.

Foi, depois, a uma arquinha de pau de fóra que tinha debaixo do leito, tirou d'ella um cofre pequeno, pintado a fingir charão, abri-o eu amostrou a Maria as mais lustrosas contas, e arrecadas, e um breve, e um laço — d'oiro fino, tudo aquillo, e cravejado de diamantes! — como talvez não houvesse coisa egual em todos os ourives da cidade de Braga.

— Maria — disse então a velha — vês o meu oiro e as minhas pedras?

— Vejo, sr.ª, vejo.

— E são riccas, minha filha, não são?

— Isso... muito.

Respondeu a moça, como se tivera n'outra parte o pensamento.

— Pois, Maria — continuou Brites do Couto — éstas joias... como não ha segundas em San' Martinho... deu-mas o meu homem no dia das nossas vodas.

— Foi o seu homem o thio?..

— Foi. Oh! Maria! que se tu víras... que dia de festa aquelle! se tu souberas... que puro contentamento!.. captivar-se a gente de um moço... estremecel'o... e chegar a casar com elle; e depois ao voltar da egreja — entre flores e confeitos — ouvir-lhe alli prometter que nem a morte... nos hade apartar... oh! filha minha!...

E não poude proseguir, a velha: era o pranto em fio pela cara abaixo.

Maria, essa estava... como havia ella de estar? depois do que ouvíra de noite, podéra!

— Não fallemos de pezares, Maria — atalhou Brites derepente, enxugando os olhos — que bem basto eu para pezarosa. Mudêmos para outra coisa. Olha: este oirinho, para que eu morri ao inviuvar... este oiro, que orvalhei com lagrymas de alegria, e sôbre que chóro agora de saudades e tristeza... hade infeitar-te ainda para o teu noivado...

— A mim, credo!

— A ti... porque é teu... porque t'o dou, filha.

— Oh! sr.ª!

— E hade infeitar-te ja hoje — continuou a velha meia a sorrir — porque pertendo que você me appareça na egreja... casquilha e secia... uma flor.

E começou então a aceiar a rapariga que lhe beijava as mãos, em silencio, porque não tinha palavras para lhe agradecer.

Até que a viuva exclamou porfim:

— Agora é que tu vais metter a um canto... não digo as moças da freguezia, que essas, mal peccado!... mas as damas... as mais formosas damas da villa, se ca viessem á nossa missa.

— Pois nós, thia Brites... não vamos ter com a sr.ª Cezilia, como é do costume?

— Não, filha, não; tu vens comigo para baixo, para o arco-cruzeiro; que me quero regalar de te mostrar a toda a gente... e cuido que o meu compadre não hade ir fóra d'isso... não vai.

— Não irá? — perguntou Maria com as faces vermelhas... de vergonha.

— Não vai. O Senhor que te fez bonita não foi para... O ser bonita não é peccado: peccado é fazer acções ruins, e não poupar as vidas alheias. Ouviu? ora escuta: agora vamos de caminho á missa; depois... vamos á residencia... E não nos dilatemos, que é tarde. Eu chego llia dentro a ver o meu filho; espera tu aqui por fóra... que ja volto, não me detenho.

A velha entrou no apozento do infermo que desfigurado, co'os olhos póstos, com a bocca sêcca e livida, e co'o rosto crivado de pintas roixas... arquejava como se estivera a espedir.

A desgraçada soltou um grito.

Elle... olhou. Oh! e que vista aquella! baça, quebrada, sem luz!

— Tu estás peior, meu filho... tu morres!

Manuel deu um ar de riso triste e sumido.

— Falla — bradava Brites — falla-me, ó filho, se não queres que eu fique aqui ja redonda no chão... Manuel... meu filho?.. não ouves?..

O mancebo extendeu-lhe a mão — suava frio como a pura neve! — e respondeu-lhe a desfallecer:

— Minha mãe... não chore; eu... inda estou vivo.

— Oh! Deus poderoso!.. meu Deus que desgraça ésta!..

E a velha atava as mãos na cabeça a tremer, a carpir-se... e deitou pela casa adiante a clamar pelos rapazes que lhe acudissem.

Appareceu-lhe o maluco, somente.

— Que é d'Antonio? onde está Pedro? — perguntou ella quasi suffocada.

— Antone.. hade estar para casa do Braz do barbeiro.

— E Pedro... e Pedro?.. que é d'ullo?

— Esse la... boa vai ella... sahiu com meia-hora de noite-fechada, e...

— Oh! que filhos, que filhos que o Senhor me deu! e logo hoje ter eu de sahir da casa... e

ser de preceito a missa!., Olha, João; vem ca: vai-me alli para a beira de teu irmão, e não te arredes d'ao-pe d'elle sem que eu volte da egreja... promettes-m'o.

— Pois sim sr.ª; sim.

— E depois hasde ir n'um pulo á villa pelo sr. doutor.

— Sim, sr.ª; mas então a missa?

— Ouvirás a das onze na Senhora da Oliveira. E agora, filho, ve la!... não me deixes o doente sosinho... não m'o desampares, nem siquer... emquanto se diz-Jesus.

— Não desimparo, não...

— Ora Deus te dará o pago.

A velha foi-se outra vez para onde o infermo, Chegou-se a elle devagar, pé ante pé...

— Filho... meu filho! não estás peior?

— Não estou sr.ª mãe; socegue — tornou-lhe o rapaz mais alentado na voz e nos olhos — ja se me varreu quasi a febre; e verá... quando vier logo da egreja hade topar-me...

— Thia Brites? — gritou Maria de fóra da porta.

— Que me queres tu, moça? — respondeu a viuva.

— É que ja está picando o sino para o altar... e não chegâmos, decerto.

— Se eu nem por tal dava agora! — disse a velha por entre os dentes; e despediu-se então do filho com aquelle amor... de mãe: — Manuel, eu não tardo aqui... adeus.

O mancebo levou aos beiços crestados a mão de Brites.

Ella... acenou-lhe da porta, sahiu, arrancou um suspiro d'alma; e mais esperançada e senhora sua, foi com Maria pelo atalho da egreja fóra.

Pobre mãe.

(*Continúa.*) *A. Pereira da Cunha.*

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DOS MELHORAMENTOS DA IMPRENSA.

PARECER DA COMMISSÃO SÔBRE DIREITOS DE PAPEL, ETC.

786 A commissão encarregada de apresentar parecer sobre os artigos 8, 9, 10, 14 e 15 do *Memorandum* do sr. José Estevão Coelho de Magalhães, ordenado em beneficio da imprensa e publicidade julga que se podem reduzir os mesmos artigos a tres pontos principaes.

Pertende-se facilitar a impressão dos escriptos.

Promover a sua circulação depois de impressos.

Dar conhecimento ao publico das noticias e dados estadisticos, de que o governo poder dispor.

Entende a commissão que, para facilitar aos escriptos que se imprimam, é indispensavel proporcionar preço muito menos subido que o actual, ao papel de imprimir, que é uma das materias primeiras mais essenciaes na reproducção das obras litterarias. Os direitos de papel extrangeiro proprio para imprimir, pelo seo excesso são prohibitivos, tolhendo quasi inteiramente a entrada d'este artigo, sem a qual fica o fabricante portuguez privado de um modêlo que o estimule aperfeiçoar-se, e livre de um concorrente que o obrigue a não encarecer demasiado o seo genero. De feito, acontece que aquelles direitos excessivos teem induzido o productor nacional a estabelecer ao papel de imprimir um preço de monopolio, que desanima os auctores, prejudica a todas as artes que contribuem para dar uma fórma material ao pensamento do escriptor, e priva o publico da instrucção que poderia encontrar nas composições litterarias. Tantos inconvenientes nem, siquer, os modifica um equivalente na receita da alfandega, diminutissima n'este caso, como é força que seja, pela rara introducção de uma mercadoria tão gravada.

Julga a commissão que a sacrificios inuteis, como estes são, so póde atalhar-se, diminuindo os direitos do papel extrangeiro, proprio para imprimir, até que cheguem as fabricas do reino a vender o nacional por um preço rasoavel.

Não pretende a commissão applicar ao papel commum de escrever, ou anilado, nem a nenhum outro, os principios e factos que aponton: ella não deseja, desfavorecer industrias que devam ser favorecidas. Olhando, unicamennte, ao interesse das lettras, das artes auxiliares, da instrucção, e ainda da receita, limita este favor excepcional ao papel de imprimir: e intende que ao prudente arbitrio do governo fica adoptar as precauções que lhe parecerem mais adequadas, para que nenhum outro papel se introduza no reino com a falsa apparencia do que so é proprio para impressão.

Pelo que toca aos meios de facilitar o giro do impressos, e dar publicidade ás noticias e dados estadisticos, de que os differentes ministerios poderem dispôr, julga a commissão os propostos no *Memorandum* de utilidade tão manifesta, que não se demora em demonstral-a.

E', pois, de parecer se peça ao governo de S. M., que, attendendo a considerações de utilidade nacional, se digne:

1.º Reduzir os direitos do papel extrangeiro, proprio para impressão, a 400 rs. em resma.

2.º Ordenar aos correios assistentes do reino, e dominios estabeleçam, a seu cargo, em cada cabeça de districto, e conselho em que a não houver, uma loja de livreiro, onde pessoa idonea e afiançada, mediante uma commissão que não exceda a 8 por 100, se obrigue a vender quaesquer impressos em lingua portugueza, que lhe sejam remettidos por portuguezes, e procedam de origem portugueza.

Se o governo, por algum ajuste com os contractadores do tabaco, preferir que a venda dos impressos se faça pelos agentes do contracto, ou se costeie com o producto de alguns bens nacionaes que existam nas differentes terras, onde as lojas se estabelecerem, ou se effeitue por qualquer outro modo, igualmente favoravel á circulação litteraria, a commissão acceitará o arbitrio, qualquer que seja.

3.º Expedir circulares aos nossos consules ou agentes consulares nas cidades principaes do Brazil, para que, sob as mesmas condições impostas aos correios

assistentes, abram tambem loja, onde façam vender, mediante uma commissão que não passe de 8 até 10 por cento todos os impressos portuguezes que o não tiverem sido no Brasil, e lhes forem remettidos por portugoezes, de qualquer ponto da monarchia.

4.º Recommendar aos nossos consules ou agentes consolares em terras de Hespanha, das mais notaveis por actividade litteraria ou commercial, facilitem, pelo meio que lhes parecer mais conveniente, a extracção de quaesquer impressos de origem portugueza, que receberem, enviados por portuguezes de qualquer parte dos nossos dominios.

5. Ordenar, em quanto se não organiza uma verdadeira repartição de estadistica, aos estabelecimentos e repartições do Estado, ministrem aos jornaes as noticias e dados estadisticos, que interessarem ao publico, e se poderem dar á estampa sem inconveniente do serviço. — *Duque de Palmella — José Maria Grande — José Estevão Coelho de Magalhães — Antonio d'Oliveira Marreca.*

CARTA DO SR. MARECOS, SÔBRE O ESTADO ACTUAL DA IMPRENSA-NACIONAL. *

787 Sr. Redactor.—Acabo de lêr no seu jornal de 21 do corrente o que dissera a illustre commissão, encarregada de dar o seu parecer sobre o *Memorandum* do sr. J. E. Coelho de Magalhães, na parte relativa ao melhoramento pessoal e material da typographia em Portugal; e, com quanto eu muito respeite os signatarios do parecer, não posso deixar de emittir a minha humilde opinião, sobre o mesmo objecto; porque intendo, que na qualidade de chefe do primeiro estabelecimento typographico do paiz, me cumpria não ficar silencioso. Estou convencido, sr. Redactor, que se eu tivesse tido a honra de ser convidado, como o foram os illustres signatarios, e outros senhores, que se julgaram competentes, poderia ao menos dar alguns esclarecimentos sobre a materia, e fazer com que a arte typographica não fosse tão mal avaliada em Portugal; porque emfim, a imprensa nacional de Lisboa é um estabelecimento portuguez. E' verdade que a typographia não se acha entre nós no gráo de perfeição, que se nota em França, Inglaterra, Alemanha, Italia, etc.; mas tambem é verdade ser um erro o querer avaliar da typographia em Portugal pelos impressos que se fazem n'essas pequenas officinas, que teem duas ou tres caixas, com umas coisas a que chamam typos, e que mais parecem cabeças de pregos, um desconjunctado tamborete de páo, a que dão o nome de prélo, e onde servem de compositores homens sem habilitações, que ao mesmo tempo fazem as vezes de impressor ou batedor, quando n'este trabalho não são substituidos pelo aguadeiro da chamada officina typographica. Não se avaliará por certo do adiantamento da typographia em França pelos trabalhos das officinas de Limoges, Dijon, e de algumas de Paris; mas pelas edições da imprensa real, Schneider, Didot, Langrand, e outras. O motivo do atrazo, que se nota em Portugal, a este como a outros respeitos, é a desgraçada differença dos mercados. As linguas franceza e ingleza pertencem a nações de uma população enorme, e são intendidas em todo o mundo civilizado; a lingua aleman, ainda que menos vulgar pela sua difficuldade, não é comtudo ignorada pelos sabios, e lá tem um vasto territorio para a extracção das suas obras magnificas; a lingoa italiana, dialecto de muitos milhões de individuos, não é desconhecida da grande maioria dos homens de lettras de todos os paizes; e similhantes circumstancias fazem com que as obras d'estas grandes nações tenham immensa extracção, ao passo que Portugal, pequeno, pobre e pouco instruido, apenas exporta para o Brasil os productos da sua industria bibliographica. Assim os auctores, ou editores portuguezes, ou hão de sacrificar as suas obras á barateza, e não podem então ser perfeitas, ou teem de renunciar a esses mesquinhos interesses de uma tão pequena extracção. Entretanto, ainda que das nossas imprensas não tenham sahido obras propriamente de luxo, são citadas com o merecido elogio as cartas da India e da China, pelo sr. José Ignacio de Andrade — a terceira edição das meditações religiosas, pelo Sr. conselheiro Bastos — a Historia de Portugal, do Sr. Alexandre Herculano, sendo esta pela belleza dos typos, pela excellencia da composição, pela nitidez da impressão, e finalmente pela sua apurada correcção, a mais perfeita que tem sahido dos prélos da imprensa nacional, e que podo figurar entre as boas edições francezas, ou inglezas. Aponto tambem a «Viagem ao Valle das Furnas» do Sr. commendador Freitas, impressa ultimamente na imprensa nacional, que me parece ser outra prova de que não estamos tão atrazados como quer inculcar a illustre commissão. Lembro — Ruy o escudeiro — do Exm.º Sr. Mousinho de Albuquerque, impresso na *antiga* officina do *Panorama*, que acredita a typographia portugueza.

Não se dá geral impericia nos nossos compositores, como parece julgar a commisão. Ha muito habeis typographos em Lisboa, e esta casa conta bastantes. Para obviar ao inconveniente que havia, em que os rapazes destinados a compositores tipographicos fossem ensinados por mestres, com differentes methodos, fiz crear na imprensa nacional, pouco tempo depois da minha nomeação, uma eschola dirigida por um dos seos mais peritos artistas.

Nesta eschola são admittidos, até um numero certo, rapazes na idade de doze a quinze annos, que saibam, pelo menos, ler, escrever, contar, e grammatica portugueza; e so no fim de quatro annos, tendo dado provas de intelligencia e aptidão, passam a officiaes de compositor. O resultado d'esta medida diariamente prova a sua utilidade; e em quanto eu administrar esta casa, será este o viveiro d'onde hão de sahir *unicamente* os seus compositores.

Com quanto os impressores não tenham uma tam rigorosa educação artistica, ha-os bons n'este estabele-

(*) Publicando ésta carta do Sr. Marecos, que se refere ao parecer, da respectiva commissão d'esta associação, transcripto no precedente número da REVISTA, eu tenho muita satisfação em confirmar, pela minha propria experiencia, em muitos dos pontos que aqui se tractam, quasi todas as asserções do illustre correspondente. Honrado com a amizade do Sr. Marecos, e mais particularmente ainda com a de seu fallecido mano, a quem a imprensa-nacional e a arte tipographica em Portugal são altamente devedoras, eu tenho tido occasião, independente mesmo de algumas publicações minhas ahi impressas, de examinar e reconhecer os melhoramentos progressivamente introduzidos n'aquella bella officina. Outros pontos ha em que não posso ser tam explicito; como, fundição de tipos, vendas e compras d'elles etc.; mas em quanto á pericia dos artistas, invocando o testimunho dos Srs. Garrett e A. Herculano, aprazime eu mesmo dal-o, para honra d'elles e estimulo de todos. (*Da Redacção.*)

cimento, que não cedem aos impressores extrangeiros; e se algumas impressões aqui se fazem menos aprimoradas não se deve isso imputar aos prelos, por que são magnificos, e todos de ferro — ao typo, por que é optimo — ás ballas, porque, desde muito tempo, foram substituidas pelos rolos; mas sim á imperfeição do papel, e á qualidade da tinta, em que apesar de todos os esforços, não podémos ainda egualar aos extrangeiros. Emquanto aos revisores tambem não devem ser considerados *tam desfavoravelmente* porque a Imprensa Nacional tem-os com as necessarias habilitações; e so o que desconhece a difficuldade d'este trabalho póde ser inexoravel com quem o practica; sendo certo que a incorrecção das nossas edições, que em geral se reduz a variantes de orthographia, é devida á deploravel falta de um systema orthographico geralmente adoptado, e de que urgentemente carecemos.

Sam muito louvaveis os desejos da commissão, ou antes do illustre auctor do *Memorandum*, querendo, que um dos lentes de chimica da eschola polythechnica venha inspecionar a fundição dos typos da imprensa Nacional, e muito estimarei que alguma novidade proveitosa nasça d'essa inspecção. — Entretanto digo, que a fundição de typos da Imprensa Nacional possue as mais aperfeiçoadas machinas, que la fôra se usam para estes trabalhos, a composição do metal é *exactamente* a mesma que se emprega em França. — A fundição tem uma abundantissima collecção de differentes corpos de lettras, e ornatos do melhor gosto; os typos logo depois de fundidos, e antes de passarem por outro processo são escrupolosamente examinados, e posto de parte todos os que teem a minima imperfeição. — Á testa d'esta officina está um intelligente artista que causou admiração a um francez da mesma arte, que trabalhou n'esta casa, e que de proposito veio de Paris para ensinar o methodo de steriotypar. — Fundem-se actualmente os typos na Imprensa Nacional, por um systema de pontos typographicos, que é um meio termo entre o typometro de Didot e Fournier. — Este systema é dos mais vantajosos resultados. — Não são caros os typos da Imprensa Nacional, attendendo ao grande cabedal que é preciso empatar, para ter uma fundição soffrivelmente surtida. — Basta dizer que para apparecer uma porção de quatro folhas de cada corpo de lettra é necessario empatar mais de um conto de réis; e uma officina de fundição de typos muito menor que a da Imprensa Nacional, não poderá ter empatados menos de 18 a 20 contos de réis. — Demais, os typos portuguezes, *isto é*, os fundidos na Imprensa Nacional, não excedem em preço aos francezes, como se póde vêr, consultando os preços marcados nos livros de provas de characteres das melhores officinas de París, quaes são as de *Biesta*, *Labonlaye & Companhia*, *Laurent* e *De Berny*: sendo muito mais baratas as nossas vinhetas, e ornatos, como mostram os mesmos livros de provas, que possue a livraria da Imprensa Nacional, onde podem ser examinados. — Entretanto se os nossos typos tiverem maior extracção poderão vender-se por menos preço; mas nunca com o ridiculo ganho de 3 por cento, que marca a commissão, certamente alheia a todas as circumstancias que dizem respeito a uma fundição de typos. — Não sei quaes sejam os typos, e ornatos, de que a Imprensa Nacional faz monopolio, e por isso não respondo á illustre commissão. — Em quanto ao preço porque se compra na Imprensa Naciocal o typo velho, parece-me não ser diminuto, e não ha razão para exigir mais severidade e escrupulo do que aquelle que se observa rigorosamente n'esta casa, quando se lhe offerece occasião de cumprar algum typo velho. — As pessoas, que teem feito similhantes transacções são testimunhas da verdade.

Finalmente não se diga que o nosso typo é mao e caro; porque o não é na realidade, como o tenho demonstrado. A causa porque elle não dura nas officinas fóra d'este estabelecimento está nas mesmas officinas — está nos maos prélos — está nos máos impressores — está na pessima tinta. Na Imprensa Nacional ha typos que trabalham, e *trabalham muito*, ha mais de seis annos, e que ainda hoje se acham em soffrivel estado: talvez sejam estes os typos de que a Imprensa Nacional faz *monopolio*...

Tenho sido mais extenso do que tencionava, quando peguei na penna para fazer algumas reflexões ao parecer da Commissão, mas a materia é vastissima, e julguei dever desinvolvel-a na parte, em que a meu ver, a Commissão não opinou com conhecimento de causa. Para mostrar que a Imprensa Nacional está longe do conceito, que a Commissão parece inculcar, porque tacitamente a involveu com as officinas do paiz, *excluindo-a porém da concorrencia para haver o premio do seu adiantamento typographico*, eu poderia adduzir muitas outras razões; fallaria de um magnifico prélo mechanico movido a vapôr, que imprime nitidamente, fazendo em uma hora o que um prelo commum difficilmente fará em dez horas; fallaria ainda de outros aperfeiçoamentos da arte typographica, que inriquecem a Imprensa Nacional; mas como o meu proposito foi analysar unicamente o que disse a Commissão, e como ella nem de leve tocou no maravilhoso invento de imprimir por vapôr, tambem eu deixo para occasião opportuna o tractar d'este objecto. Resta-me pedir-lhe desculpa, Sr. Redactor, por tão longa impertinencia; mas o amor da verdade, e o zêlo pelo estabelecimento que tenho a honra de administrar, me impunham este dever.

Declaro que não é minha intenção irrogar censura, á commissão, tenho deferencia pelos seus membros, com quanto me não conforme com grande parte das suas ideas, a respeito da arte typographica em Portugal. Eu confio, Sr. Redactor, que em poucos annos poderá a Imprensa Nacional rivalizar com os melhores estabelecimentos typographicos; porque tem os elementos necessarios para este fim; porque assim é de esperar do desinvolvimento do plano que o meu infeliz irmão, meu antecessor, estabeleceu n'esta casa, plano combinado por um homem de superior intelligencia (releve-se-me o elogio) e de vastas concepções, que, depois da pratica de cinco annos, na cuidadosa administração d'este estabelecimento, visitou as melhores typographias da Europa, para introduzir na Imprensa Nacional de Lisboa esses melhoramentos, porque a typographia tem chegado á sua admiravel perfeição — Oxalá que eu possa ter fôrça para realizar o pensamento do meu querido irmão; entretanto ninguem tem mais vontade de o pôr em pratica, porque ninguem como eu respeita a superioridade da sua intelligencia n'esta materia. Appel-

lo para o tempo que ha de confirmar o que deixo dito. Seu de V. etc. — *F. A. P. Marecos.*

Imprensa Nacional, em 24 de agosto de 1846.

POESIA.

O JASMIM.

788 — 'Ó flor venturosa,
Mimoso jasmim,
Colheu-te mão d'anjo...
Se fôra p'ra mim!'

Commigo eu dizia
Ao ver a donzella
Cheirando a florinha
Menos flor do qu'ella:

Furtal-a quizera;
O plano tracei...
Nenhuma outra coisa
Assim cubicei.

Magico é decerto
D'amor o condão,
S'egual em dois peitos
Bate o coração...

O que ella pensava
Não sei eu dizer;
Mas sei que a florinha
Me veio offer'cer.

Fiquei abalado
D'amor e respeito...
A flor como um raio
Tocara-me o peito.

O que ha n'este mundo
Que tenha podêr
Egual ao que tem
Em nós a mulher ?!...

UMA PEROLA.

A * * *

789 Engastei linda perola
Na c'rôa dos meus amores:
Tão linda e tão formosa,
Tão formosa como as flores!

Brilhou — fulgiu tão viva,
Tão viva no coração!
A per'la dos meus amores
Era como o ceu — mais não.

E eu olhava-a, sorria
Cria n'ella como em Deus:
Eu — eu morria por ella,
Eu queria-a so nos ceus!

Se ella era tão formosa
A per'la dos meus amores,
Se ella era tão... tão linda
A varrer do peito as dores:
Se eu amava-a tanto... tanto
Como se adoram as flores!

Mas a perola desfez-se,
Brilhou so por um momento:
Quebrou-se... passou da vida,
Da vida p'r'o passamento;
Da c'roa cahiu a per'la,
Ficou so o soffrimento!

Engastei linda perola,
Na c'rôa dos meus amores:
Ai! morreu — morreu p'ra sempre
So ficaram negras dores!

Lisboa — agosto — 1846.

J. C. Massa.

BIBLIOGRAPHIA.

790 Vai publicar-se até janeiro ou fevereiro do anno proximo futuro, o primeiro volume da *Historia do Cêrco do Porto*, nos annos de 1832 e 1833, precedido d'uma extensa noticia das differentes phazes politicas porque tem passado a monarchia desde as mais remotas eras até ao anno de 1820; bem como dos principaes acontecimentos, que desde aquelle anno tiveram logar, ate ao começo do sobreditto cerco. No corpo d'esta obra se achará tambem uma descripção da cidade do Porto, suas antiguidades, edificios notaveis, estabelecimentos litterarios, e o mais que n'ella ha de curioso; sendo tudo isto acompanhado de um resumo historico dos acontecimentos que na referida cidade tiveram logar contra os francezes nos annos de 1808 e 1809, com que se completa uma verdadeira historia de Portugal desde o principio do presente seculo até á restauração do governo legitimo.

A impressão deve ter logar em optimo papel, e no melhor tipo e aceio, que offerece a Imprensa Nacional de Lisboa: o formato será de oitavo grande, ou oitavo francez, como o da Historia de Portugal do Sr. A. Herculano, e a sua extensão será a de dois volumes: o primeiro comprehenderá 600 paginas, e o segundo 500, pouco mais ou menos, annexando-se a este, além da lista dos subscriptores, um mappa das linhas constitucionaes, e realistas, com todos os seus respectivos reductos e baterias.

Cada volume custará 1$200 réis, pagos no acto da entrega. Assigna-se na loja dos Srs. Bertrands, rua das portas de Sancta Catharina, junto da igreja dos Martyres, n.º 44 e 45: na loja de ferragem do Sr. José Alexandre, rua do Chiado n.º 11 e na da Sr.ª viuva Henriques, rua Augusta n.º 1.

A obra tracta, como se vê do titulo, da politica dos nossos dias, fica portanto intendido que a Revista, publicando o prospecto, nada tem com a avaliação, que n'ella se fizer dos acontecimentos relatados.

Pelo que respeita ao mais, posso com muito gôsto assegurar, que ésta publicação faz tanta honra á Imprensa Nacional

como as mais bem acabadas que d'este estabelecimento tem sahido.

Quanto ao valor intrinseco da parte da obra, que está impressa, acho, que tem bastante merito; e mais de espaço o expenderei, quando n'outro ensejo porventura fallar d'este livro, que hoje tão somente recommendo.

* * *

Vai-se reimprimir em Lisboa, a obra publicada na mesma cidade no anno de 1845, com o titulo — *Collecção de receitas e segredos particulares, necessarios para o tintureiro, e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios, e outros differentes objectos.* Por *João Baptista Lucio.*

É desnecessario descrever aqui as maravilhas d'esta obra, a beneficio das nossas artes, officios etc porque bem sabidas se acham ja as da primeira edição, que teve favoravel acolhimento no nosso reino e seus dominios, e mesmo no Brazil.

Ésta segunda edição, será uma cópia da primeira, escrupulosamente reformada; e além d'isso, muito augmentada. A reforma consistirá em expôr os factos por a maneira mais resumida possivel, a fim de poupar ao leitor a fadigaje confusão com a leitura de orações, que aliás se possam descrever em menos espaço. Consistirá egualmente na emenda de muitos dos processos expostos na primeira edição, os quaes serão substituidos em todo ou em parte, por outros de mais facil execução, ou de melhores resultados, os quaes tenham sido alcançados em virtude de recentes experiencias do auctor, ou descubertos por sabios extrangeiros. O augmento consistirá em grande número de processos uteis ás artes e sôbre objectos de que na primeira edição se não fez menção: a agricultura em suas relações com a chymica, tambem terá um bom quinhão com este augmento. Estes processos, supposto que divididos por os 6 volumes, poderiam formar um outro grosso volume, se para isso fossem reunidos Finalmente conterá 12 estampas, que se distribuirão por os 6 volumes; contendo cada uma o espaço de 4 paginas da impressão da obra, e n'elle as figuras que possam caber, da maior parte das machinas, utensilios etc. de que se fizer menção na obra.

Todas éstas reformas e augmentos, supposto tornem ésta segunda edição de um duplicado merecimento, nem por isso o seu preço excederá a 3$660 réis porque a primeira foi vendida! Tal é o resultado das economias que o auctor tem sabido procurar.

Será distribuida semanalmente, á custa do auctor dentro da cidade, nas proprias moradas dos srs. assignantes, ou de seus correspondentes, em livretes de 4 folhas, formato de 8.° portuguez com 64 paginas largas, e tipo *interduo* Preço no acto da entrega 80 réis por cada livrete, e 60 réis por cada estampas.

As assignaturas recebem-se na rua Augusta, lojas da Viuva Henriques n.° 1, de Antonio Marques da Silva n.os 2 e 3: na de Bertrand aos Martyres n.° 45: e na rua dos Fanqueiros loja n.° 63.

Aos Senhores que forem assignantes da primeira edição, e o queiram agora ser da segunda, se lhe descontará a 8.ª parte da importancia de cada livrete (12 e meio por cento.)

Não se vendem livretes, nem volumes avulsos, e só se recebem assignaturas para toda a obra. Toda a correspondencia será franca de porte, dirigida ao auctor rua dos Fanqueiros, supradita loja n.° 63. Quem não tiver correspondente na ditta cidade, pagará adiantado em tres prestações de 1:220 réis, por o seguro do correio, ou por outra qualquer via, e lhe serão remettidos os livretes como melhor conta lhe fizer.

Historia de Portugal (corre desde o principio da monarchia até quasi os nossos dias) — por *João Felix Pereira*, alumno da eschola medico-cirurgica de Lisboa. Em dous ou tres pequenos volumes de 8.° será publicada a presente historia.

Entre outras muitas, é, sem duvida, a historia de Portugal, a que offerece mais agradavel leitura. N'ella vamos deparar com um tecido d'acções pasmosas, que bem manifestam o vulto historico de nossos ascendentes. Ahi achamos o quanto póde o heroismo militar, ao ver as extraordinarias façanhas, com que espantaram o mundo, os Paios, os Pereiras, os Gamas, os Albuquerques, e outros muitos varões immortaes, cujo transito sobre a terra, deixou vestigios, que jamais se desvanecerão; principalmente na memoria dos portuguezes, em cujas veias circula o claro sangue de tão alentados guerreiros. Outrosim a sensibilidade do leitor ficará certamente interneci-da, contemplando a tragica morte de Ignez de Castro, de Maria Telles, de Leonor de Sa, fidalgas, cujos infortunios, ao lerem-se, ainda hoje depois de tantos seculos, fazem derramar abundantes lagrimas. Finalmente é a nossa historia uma severa eschola de moral, onde veremos a cada passo a virtude remunerada, o vicio castigado, por uma serie de monarchas, quasi todos dignos da magestade do throno.

Em dezembro principiará a publicação d'este nosso trabalho. Sahirá por folhas, uma ou duas, todos os oito ou quinze dias, conforme o expediente da imprensa.

Preço de cada folha, 20 rs. pagos no acto da entrega.

Recebem se assignaturas nas lojas do costume.

Publicou-se a primeira carderneta do romance — *Sathaniel* — por *Frederico Soulié*, vertido em portuguez, e precedido d'uma breve dissertação ácerca da origem, e desinvelvimento da litteratura recreativa, o qual semanalmente irá sahindo.

Esta obra além do merito, que encerra como romance, reune em si o merecimento historico e archeologico, tractada com profundeza e gosto; e por isso convidamos os amadores d'estes ramos litterarios a subscrever para uma composição, onde a par das bellezas d'imaginação se acham os fructos do estudo.

Vende-se, e assigna-se na loja da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1, onde, franca de porte, deverá ser remettida toda a correspondencia; na loja de Borjes ao Chiado n.° 6; na de Arsejas, rua Augusta, e nas demais do costume.

Sahiu á luz, o 1.° volume da *Salamandra*, romance maritimo, do celebre auctor do Judeu Errante (*Eugenio Sué*) o qual, como todas as producções nascidas da sua penna, mereceu um logar distincto na litteratura dos nossos dias. Os quadros da vida do marinheiro, n'esta obra tão naturalmente descriptos, dão-lhe um realce extraordinario, e um gosto de novidade que so podem encontrar-se em descripções da vida maritima. Subscreve-se a 240 rs. por cada volume pago no acto da entrega; a obra compõe-se de quatro volumes. Os Srs. da provincia pagarão adiantado 960 rs. por toda a obra, e lhe serão remettidos os volumes pelo correspondente, e pelo que responde a loja de Bordalo, rua Augusta n.° 195.

VARIEDADES.

NECROLOGIA.

791 No dia 21 do corrente pelas 8 horas da manhan, falleceu na sua residencia do Sanguinhal, a Exm.ª Sr.ª D. Isabel Romeyro da Fonseca, filha do Sr. Francisco Antonio da Fonseca e irman do nosso amigo Paulo Romeyro da Fonseca, que se acha ha dias n'esta capital.

Tão moça ainda e tão bella, tão cheia de vida e dos bens da fortuna, de tudo o que faz a felicidade do mundo, tão extremosamente amada pela sua virtuosa familia, como adorada pelos felizes habitantes da sua aldea, succumbiu ésta menina na idade de 19 annos, á gravidade de uma aguda infermidade, que ninguem podéra esperar, ou siquer conjecturar. Tremenda licção da fragilidade humana! Toda a sua familia deplora inconsolavel ésta irreparavel perda. Sente-a seu pai, porque perdeu n'ella uma filha exemplar, que não soube dar-lhe senão o gozo d'aquelle prazer paternal, que faz louco d'orgulho todo o pai desvelado: — sentem-n'a seus inconsolaveis irmãos, porque perderam uma amiga e companheira do seu viver domestico, que tarde, muito tarde poderão esquecer. Sentem-n'a finalmente os laboriosos habitantes do San-

guinhal, porque o pobre tinha n'ella uma protectora espontanea — o desvalido um abrigo seguro — o innocente uma defensora ingenua!

A joven finada havia recebido de seu pae a mais exemplar educação. Aprendeu as primeiras lettras com o Sr. *Malhão*, d'Obidos, de quem era egualmente estimada, e veio completar a sua educação para o convento da Visitação em Belem, d'onde se havia recolhido ao seio de sua familia ha apenas 19 mezes!

Resigne-se ella com a consoladora esperança do que a alma da joven finada está gozando a bemaventurança eterna! Semeiemos flores sôbre a sua campa — tanto como de saudades nos deixou no coração!

Lisboa — 28 de agosto de 1846.

* * *

CORREIO NACIONAL.

792 O seguinte é o mappa das fôrças navaes britannicas, destinadas a cruzar nas costas de Portugal, e o qual publicâmos por nos parecer curioso.

Naus.	*Peças.*	*Toneladas.*	*Guarnição.*	*Data da sua construcção.*
San'Vicente	120	2,612	951	1815
Trafalgar	120	2,694	951	1841
Queen	110	3,103	871	1830
Hibernia	104	2,530	850	1804
Rodney	92	2,625	796	1833
Albion	90	3,009	796	1843
Canopus	84	2,257	735	1794
Vanguard	80	2,589	735	1842
Superb	80	2,589	735	1835
Fragatas.				
Raleigh	50	1,935	500	1845
Constance	50	2,125	500	1846
Eurydice	26	908	240	1843
Spartan	26	918	240	1841
Brilhant	22	954	240	1814
Vapores.				
Terrible	20	1,847	280	800 *cavallos*
Retribution	10	1,641	280	800 »
Avenger	10	1,444	240	650 »
Gladiator	8	1,190	140	430 »
Cyclops	6	1,106	175	320 »
Scourge	2	1,124	145	420 »
Rattler	5	888	110	200 »
Polyphemus	4	800	100	200 »
	1,119	40,880	10,605	3,820 »

Estimo sempre muito quando tenho que louvar o Theatro-nacional, de que infelizmente se me offerecem poucas occasiões; mas hontem deu-se a peça *A dama de Saint-Tropez*, cujo desempenho foi excellente e o público applaudiu. Farças como os *Tres-Ginjas* é que não são para um theatro d'aquelles.

A corrida de toiros a beneficio do Asylo da Mendicidade, em 12 de julho último, produziu, metade do producto liquido, a quantia de 320$832½ réis a favor d'aquelle estabelecimento. Na tarde de 6 do corrente haverá outro beneficio da mesma natureza.

No mez de agosto entraram no porto de Lisboa 261 navios e sahiram 196. D'estes são 164 portuguezes entrados, e 141 sahidos: de guerra entraram 7 e sahiram 6, da primeira classe entraram 26 e sahiram 18, da segunda entraram 141 e sahiram 117. Os outros navios (entrados) são: inglezes, de guerra, 17, mercantes, 29; francezes 4, sardos 3, brazileiro 1, hispanhoes, de guerra, 2, dinamarquezes 8, suecos 4, hollandezes 7, russos 7, norweguezes 2, americanos 2, austriaco 1.

O castigo das varadas nos soldados e marujos, suscitou em Inglaterra ultimamente um interessante debate particular. A imprensa em toda a parte se tem occupado d'este objecto; tanto mais que alguns soldados inglezes foram victimas mortaes da chibata. O nosso governo acaba de determinar que nenhum soldado, marujo etc., possa ser varado a arbitrio do commandante com mais de cincoenta varadas, ficando dependente de um conselho de disciplina qualquer castigo mais forte.

Praça de Lisboa — Na última semana conservaram os metaes os preços da anterior; baixou o cambio das notas; os fundos-publicos sustentaram o preço; e o mesmo as acções de companhias. O estado do mercado não offereceu coisa notavel. O trigo rijo no Terreiro correu de 600 a 700 réis e o das ilhas de 620 a 650.

No dia 28 do passado, ao Paço-da-rainha, precipitou-se uma rapariga que ficou perigosamente doente da queda. Attribue-se este desastre a uma alienação mental.

As últimas noticias da Madeira dão conta de um motim popular contra o doutor Kalley, o celebre propagandista lutherano n'aquella ilha. Parece que este motim não tivera graves consequencias.

N'estes últimos tempos teem sido tomadas no Algarve 189 caixas de tabaco, contrabando, pesando o seu contendo mais de mil arrobas.

Por decreto de 24 do passado foi creada uma commissão especial para confeccionar um projecto de reforma, segundo as instrucções que lhe são dadas, para que se estabeleça uma direcção, vigilancia e fiscalização mais completa e perfeita, do que as que existem, no arsenal de marinha e estabelecimentos da sua dependencia, a fim de se conseguir que desappareça a desproporção que se observa actualmente entre os valores produzidos e os consummidos por estes estabelecimentos.

As últimas noticias de Cabo-Verde alcançam até 17 de julho; são satisfatorias.

As noticias de Cacheu dizem que no dia 5 de julho um forte incendio destruíra uma grande parte das habitações d'aquelle presidio, reduzindo á miseria um consideravel número de seus habitantes. O govêrno proveu ja ao fornecimento de quatro contos de réis para auxilio d'aquelle presidio, em quanto se não adoptam mais amplas providencias.